

Título original:
What is Global History?

Copyright © 2016 by Princeton University Press

Todos os direitos reservados

Tradução: Teresa Furtado e Bernardo Cruz

Revisão: Ana Breda

Capa: FBA

Depósito Legal n.º 463217/19

Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação

CONRAD, Sebastian

O que é a história global, – (História e sociedade)
ISBN 978-972-44-2118-6

CDU 939,1

Paginação:

MA

Impressão e acabamento:

Papelmunde
para

EDIÇÕES 70
Novembro de 2019

Direitos reservados para Portugal e países africanos de expressão portuguesa por

EDIÇÕES 70, uma chancela de Edições Almedina, S.A.
LEAP CENTER – Espaço Amoreiras
Rua D. João V, n.º 24, 1.03 – 1250-091 Lisboa – Portugal
e-mail: editoras@grupoalmedina.net

www.edicoes70.pt

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida,
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.
Qualquer transgressão à lei dos Direitos de Autor será passível
de procedimento judicial.

Sebastian Conrad

O que é a história global?



University Press, a única que era verdadeiramente crítica levou-me a repensar toda a organização e toda a argumentação do livro. Por último, estou particularmente grato a Christopher L. Hill e Dominic Sachsenmaier, pelas nossas longas e repetidas discussões sobre algumas das questões aqui esboçadas. Sem eles, o livro não teria a forma que agora apresenta e seria um texto muito mais provisório.

Algumas partes dos capítulos 2 e 3, escritas originalmente em alemão, foram habilmente traduzidas para inglês por Shivaun Heath e Joy Titheridge. Ao preparar este texto, tive a sorte de contar com a ajuda dos meus alunos assistentes: Stephanie Feser, Jannis Girgsdies, Matt Steffens, Matthias Thaden e Barbara Uchdorf. Este trabalho teve o apoio do Programa do Laboratório de Estudos Coreanos do Ministério da Educação da República da Coreia e do Serviço de Promoção de Estudos Coreanos da Academia de Estudos Coreanos (AKS-2010-DZZ-3103).

POSFÁCIO

O lento fazer da história global

Sebastian Conrad está na linha da frente dos modos mais inovadores de fazer e escrever história. A sua influência aumenta, na relação direta com a sua capacidade para integrar pontos de vista particulares, no interior de uma agenda de história global. E as questões que os seus livros colocam – respeitantes às nações, aos seus legados coloniais e à sua participação num mundo globalizado – não param de se renovar. Paralelamente, o âmbito cronológico da sua obra ganha em profundidade, uma vez que os seus livros, que começaram por se centrar na segunda metade do século xx, isto é, no chamado século Norte-Americano, encontraram depois novos territórios de pesquisa, nos séculos xviii e xix.

O seu primeiro livro foi publicado na Alemanha em 1999 e traduzido para inglês em 2010. No seu centro, estava uma análise de duas historiografias, a alemã e a japonesa. Através de um trabalho comparativo, mas que era fundamentalmente de história intelectual, o objetivo era perceber de que maneira a escrita da história era constitutiva da nação, ou melhor, de novas nações que se viram obrigadas a reinventar as representações de si próprias, num período posterior à Segunda Guerra Mundial. Às questões de história intelectual, relacionadas com a escrita da história, sucederam-se outras relativas à memória de duas nações, saídas de guerras, que tinham perdido, para entrar no referido século dos Estados Unidos da América⁽¹⁾.

(¹) Sebastian Conrad, *Auf der Suche nach der verlorenen Nation. Geschichtsschreibung in Westdeutschland und Japan, 1945-1960* (Göttingen:

Se, no seu primeiro livro, o recurso ao método comparativo se apresentava quase como uma obrigação de escola e uma marca do seu orientador, o historiador Jürgen Kocka, a escolha do Japão, enquanto padrão de comparação, o conhecimento do japonês e a ênfase na história intelectual, mais do que nas questões sociais, afiguraram-se aspetos bem originais do trabalho de Sebastian Conrad. No seu segundo livro, publicado em 2006 e traduzido para inglês em 2010, produto da habilitação requerida pelo sistema académico alemão, é possível identificar novas orientações. Antes de mais, verifica-se uma maior concentração na história da Alemanha, apesar de esta ser abordada numa perspetiva global. Terá havido, nesta mudança de perspetiva, um recuo relativamente à dimensão comparativa que estivera presente nas suas investigações sobre o Japão⁽²⁾.

À primeira vista, tratou-se sobretudo da necessidade de responder às exigências do sistema académico alemão. Tal como em muitos outros países europeus e não só, um dos requisitos dos departamentos de história das universidades alemãs é o da especialidade na história nacional. Focando-se de novo no Japão, Conrad corria o risco de se tornar no especialista de uma Área de Estudos («Area Studies») sem possibilidades de encontrar lugar num departamento de história, tal como hoje sucede, pois leciona na prestigiada Freie Universität de Berlim. Foi esta a razão que o levou a enveredar pelo estudo do nacionalismo alemão durante o século XIX, o que constituiu o início de um alargamento do espectro temporal em que passou a trabalhar. Esta circunstância não o demoveu de uma perspetiva global, pois, no seu segundo livro, investigou as colónias alemãs em África, no Brasil, nas regiões de língua polaca e na China⁽²⁾.

Vandenhoeck & Ruprecht, 1999); *The Quest for the Lost Nation: Writing History in Germany and Japan in the American Century* (Berkeley: University of California Press, 2010).

⁽²⁾ Idem, *Globalisierung und Nation im Deutschen Kaiserreich* (Munique: C.H. Beck 2006; 2.^a org., 2010); Idem, *Globalisation and the Nation in Imperial Germany* (Cambridge: Cambridge University Press, 2010).

Neste segundo livro, existem três outras tendências que se vão impor na sua obra. A primeira diz respeito a uma tentativa, cada vez mais evidente, de passar de uma história intelectual para uma análise dos processos sociais, a começar pelas migrações, movimentos de população, mercados de trabalho e expansões coloniais e imperiais⁽³⁾. A segunda consistiu em deixar o confinamento dos estudos pós-coloniais para abraçar uma perspetiva global, capaz de inscrever a explicação dos processos de mudança em estruturas que operam numa grande escala; deixou de parte, por isso, o estudo das relações bilaterais, como aquelas ocorridas entre a Alemanha e o Japão⁽⁴⁾. Um último esforço levou-o ao aprofundamento da análise das estruturas temporais, recuando até meados do século XIX, ao Iluminismo e ao início da modernização industrial⁽⁵⁾.

Deverão as qualidades de sistematização e de síntese de Sebastian Conrad, no tratamento da história global, ser aliadas em função de uma agenda historiográfica alemã? A pergunta afigura-se óbvia, num cenário internacional onde os principais campos universitários anglo-americanos parecem ocupar um lugar central. Porém, não será bem assim, uma vez que o autor está longe de se apresentar como um herdeiro da escola de Göttingen do século XVIII, das filosofias da história universal de Hegel e de Marx, ou dos modos de fazer história de Ranke e Lamprecht. Tão-pouco pesa na sua obra a influência do marxismo e dos modos de escrever a história do Mundo, numa linha difundida na antiga Europa do Leste.

⁽³⁾ Idem, *Deutsche Kolonialgeschichte* (Munique: C. H. Beck, 2008; 3.^a org., 2016); Idem, *German Colonialism: A Short History* (Cambridge: Cambridge University Press, 2012).

⁽⁴⁾ Idem, *Globalgeschichte. Eine Einführung* (Munique: C. H. Beck, 2013); Idem, *What is Global History?* (Princeton: Princeton University Press, 2016; 4.^a org., 2017) [*O Que é a História Global*, tradução de Bernardo Pinto da Cruz e Teresa Furtado (Lisboa: Edições 70, 2019)]. Com traduções para espanhol, russo, chinês, sueco, italiano e, em preparação, turco e japonês.

⁽⁵⁾ Idem e Jürgen Osterhammel, orgs., *An Emerging Modern World, 1750-1870* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2018).

A larga difusão do seu trabalho justifica-se pelo envolvimento do autor em discussões internacionais ocorridas desde a década de 90 do século xx, sobretudo anglófonas, relacionadas com a chamada viragem global («global turn»).

No entanto, a agenda de história global aqui em causa é inseparável do contexto social e institucional em que é produzida. Porquê? Talvez por assentar na base reflexiva de uma primeira fase, mas que nunca foi abandonada, pois erguia-se sobre uma sólida história intelectual e numa preocupação de vigilância acerca do sentido assumido por várias tradições historiográficas. De facto, as abordagens bem informadas e cosmopolitas de Conrad revelam a sua consciência acerca da necessidade de saber respeitar esses mesmos contextos de produção e de apreciar as suas condições, os seus quadros de referência e a sua capacidade para falar com outras configurações historiográficas.

Por exemplo, o trabalho de Braudel é central para a historiografia francesa, quando são referidas questões de história global. Para os historiadores indianos interessados em compreender a história global, é fundamental a referência ao imperialismo britânico, com a suas formas de cooptação de colaboradores e de formação de elites. Ora, no caso de Conrad – com a sua formação académica adquirida em diferentes contextos, em primeiro lugar na Alemanha, mas também no Japão e nos Estados Unidos –, talvez tenha pesado mais a sua ligação aos Estudos de Área. Neste quadro, importava aprofundar o conhecimento das línguas faladas na região em análise e a relação com os seus historiadores e investigadores, que, em muitos casos, só se expressam nas línguas locais. Talvez seja este um dos principais ensinamentos de Conrad.

O confronto com o trabalho de Conrad ajuda certamente a definir melhor as bases de um projeto historiográfico que se constitui em relação com as outras ciências sociais. Permite fugir à visão romântica do elogio das periferias, mais ou menos essencializadas, sem recusar uma relação, necessariamente crítica, com os trabalhos oriundos dos grandes centros universitários; encontrando os quadros comparativos que ajudem

a recolocar o estudo da nação, do império e dos processos de expansão imperial e colonial à luz de grandes e pequenas estruturas, da exploração do trabalho à organização dos lares, do capitalismo impresso às configurações urbanas e rurais, dos aparelhos institucionais e dos grupos de pressão mais ou menos informais ao exercício da violência, dos modos de resistência aos diferentes modos de fuga e dissimulação.

Por muitas «histórias globais»

Neste livro, Sebastian Conrad coloca um conjunto de questões sobre a génese, o desenvolvimento e o lugar contemporâneo da história global, tanto no que respeita à sua inserção académica como em relação à sua capacidade para levantar problemas historiográficos. O que é, então, a «história global»? Ou de que *histórias* é feita a «história global»? A resposta ganha em densidade, se atendermos ao facto de estarem em causa objetos históricos distintos, diferentes temporalidades e contextos, que têm suscitado diversos argumentos⁽⁶⁾. Qual é a

⁽⁶⁾ Apesar de a literatura centrada nestas questões estar, quase toda, citada neste livro, julgamos importante destacar as seguintes obras, que muito enriqueceriam o mercado editorial português, algumas saídas depois do livro de Conrad: C. A. Bayly, *The Birth of the Modern World, 1780–1914* (Oxford: Blackwell, 2004); Dominic Sachsenmaier, *Global Perspectives on Global History: Theories and Approaches in a Connected World* (Cambridge: Cambridge University Press, 2011); Maxine Berg, org., *Writing the History of the Global: Challenges for the 21st Century* (Oxford: Oxford University Press, 2013); Samuel Moyn e Andrew Sartori, orgs., *Global Intellectual History* (Nova Iorque: Columbia University Press, 2013); Jürgen Osterhammel, *The Transformation of the World: A Global History of the Nineteenth Century* (Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2014); James Belich, John Darwin, Margret Frenz e Chris Wickham, orgs., *The Prospect of Global History* (Oxford: Oxford University Press, 2016); Sven Beckert e Dominic Sachsenmaier, orgs., *Global history, Globally: Research and Practice Around the World* (Londres: Bloomsbury, 2018); Mathias Middell, *The Practice of Global History. European Perspectives* (Londres: Bloomsbury, 2019).

sua genealogia intelectual, social e política e qual é o seu património historiográfico⁽⁷⁾? Que propostas analíticas e metodológicas são elaboradas em seu nome, com que base e fundamento empíricos? Qual o seu espaço e posição nos campos cultural e académico, em diferentes universos disciplinares e respetivas culturas institucionais e escolas? Qual é o seu lugar na variedade de tradições de fazer história pelo mundo? Em que geografias, espaciais e intelectuais, é a história global discutida, promovida, ignorada ou rejeitada, e porquê⁽⁸⁾? De que modo se diferencia a história global de perspetivas historiográficas concorrentes, o que delas se retira ou o que nelas se recusa, como é que com elas se dialoga⁽⁹⁾? Quais as

(7) Dominic Sachsenmaier, "Global History, Pluralism, and the Question of Traditions", *New Global Studies*, vol. 3, n.º 3 (2010), pp. 1-11; Sanjay Subrahmanyam, *Aux origines de l'histoire globale* (Paris: Fayard, Collège de France, "Leçons inaugurales", 2014).

(8) Os recursos humanos e materiais envolvidos em investigações desta natureza são substanciais. A competência multilinguística e os recursos financeiros que suportam investigações em vários arquivos, em diversas partes do Mundo, são dois exemplos reveladores. Mas é importante notar que os desafios, que certamente impendem de forma particularmente pesada num sistema universitário como o português, não podem ser usados como forma de desculpabilização para o prolongamento de visões provincianas da história «nacional», de cariz vincadamente nacionalista, de vária extração ideológica, que continuam a predominar. Para quando uma história global de Portugal? Em muitos nichos disciplinares, é claro que a desvalorização de algumas das propostas da história global decorre mais do desconhecimento do seu trajeto heterogéneo do que de um sólido diálogo com as mesmas. Para uma visão crítica, veja-se Frederick Cooper, *Histórias de África. Capitalismo, Modernidade e Globalização* (Lisboa: Edições 70, «História & Sociedade», 2016), pp. 173-210: «Para que serve o conceito de globalização? O ponto de vista de um historiador de África»; Idem, "How global do we want our intellectual history to be?", in Samuel Moyn e Andrew Sartori, orgs., *Global Intellectual History*, *op. cit.*, pp. 283-294.

(9) Para a história transnacional, ver Pierre-Yves Saunier, *Transnational History* (Londres: Palgrave, 2013); Heinz-Gerhard Haupt e Jürgen Kocka, orgs., *Comparative and Transnational History: Central European Approaches and New Perspectives* (Nova Iorque: Berghahn Books, 2009).

suas contribuições e inovações, de natureza conceptual e metodológica, e, também, quais os seus limites analíticos e as suas insuficiências heurísticas? A que agendas políticas e sociais responde ou respondem? Tratar-se-á de uma inovação disciplinar ou apenas de mais uma proposta de cariz metodológico?

É possível adicionar mais questões de forma a lançar um debate mais crítico sobre as contribuições da história global. Talvez a mais relevante implique que se queira saber se a história global não é uma forma de vender vinho velho em garrafas novas. Será que tem contribuído, como argumentam os seus defensores, para uma história policêntrica e ambivalente da globalização, minando formas explícitas ou encapotadas de eurocentrismo e iluminando os que a ela resistiram ou com ela sofreram por vezes desumanamente? Ou, pelo contrário, arrisca-se a transformar-se numa mera forma de legitimação académica desse mesmo processo de globalização eurocêntrico ou centrado no Ocidente, ensaiando uma débil oposição às suas formas mais violentas? Como refere, provocatoriamente, J. G. A. Pocock: «é o momento em que devemos perguntar como é que a "história global" pode ser outra coisa que não o instrumento ideológico da globalização que parece ter chegado»⁽¹⁰⁾. Será, então, a história global um reflexo acrítico de vincadas hierarquias de poder – social, económico, político, académico? Não será ela um disfarce de manifestações de «imperialismo cultural», como alguns, de modo panfletário e pouco sustentado, clamam ou sugerem? Será que o facto de ser abraçada por instituições na China ou nos Estados Unidos da América e ignorada na Europa de Leste e em África revela mesmo uma reatualização instrumental de formas de «imperialismo cultural», após a Guerra Fria e em resultado do otimismo finissecular de novecentos? Ou será que um olhar mais centrado na distribuição desigual de

(10) J. G. A. Pocock, "On the unglobality of contexts: Cambridge methods and the history of political thought, *Global Intellectual History*", *Global Intellectual History*, vol. 4, n.º 1 (2019), pp. 1-14, *cit.* p. 7.

recursos, por um lado, e em dinâmicas de consolidação de identidades «nacionais» e de nacionalismos de várias ordens (muitas vezes, associadas a uma componente imperial na sua formação histórica), por outro, nos ajuda a compreender melhor a dispersão geográfica da história global, no rico mercado de formas de fazer história? Quanto à declaração de princípios do *Journal of Global History* – que a história global abandonaria «a arrogância de Roma, as aspirações de um Califado universal, as pretensões morais do Confucionismo doutrinário, as reivindicações de uma superioridade espiritual associada com o Hinduísmo, o Budismo e o Cristianismo, bem como o triunfalismo científico e tecnológico do Ocidente» –, será que tem sido mesmo respeitada⁽¹¹⁾?

Num plano mais específico, outras questões relevantes podem ser colocadas. Contribuirá a história global para uma efetiva sofisticação dos *jeux d'échelles*, desarmando os que se reivindicam do «local» e os que invocam acriticamente o «nacional» ou o «internacional», ignorando a sua interdependência, por vezes através de labirínticos circuitos, relações e conexões pouco óbvias, de difícil e laboriosa identificação⁽¹²⁾? Quais têm sido os seus contributos e (in)sucessos na transformação do saber histórico sobre temas centrais à compreensão da modernidade, da Revolução francesa à Revolução industrial e ao capitalismo, à «grande divergência», para dar apenas alguns exemplos⁽¹³⁾? Tem mesmo *provincializado* a Europa ou

⁽¹¹⁾ Patrick O'Brien, "Historiographical traditions and modern imperatives for the restoration of global history", *Journal of Global History*, vol. 1, n.º 1 (2006), pp. 3–39, *cit.* p. 36.

⁽¹²⁾ Christophe Charle, "Histoire Globale, Histoire Nationale? Comment réconcilier recherche et pédagogie", *Le Débat*, vol. 3, n.º 175 (2013), pp. 60–68 [tradução portuguesa em Sérgio Campos Matos e Maria Isabel João, orgs., *Historiografia e Res Pública nos últimos dois séculos* (Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2017), pp. 89–112].

⁽¹³⁾ Akira Iriye e Jürgen Osterhammel, orgs., *A History of the World* (Cambridge, Mass.: Cambridge University Press, 4 vols., 2012–2018). Sebastian Conrad é coeditor e autor do volume *An Emerging Modern World: 1750–1870* (2018), com um texto introdutório e outro, de fôlego,

o Ocidente⁽¹⁴⁾? Que papel tem tido, pode e deve ter, perante os desafios que a contemporaneidade coloca à história enquanto forma disciplinada de saber? Face à nunca resolvida questão sobre para que serve a história, em que pode a história global condicionar a resposta, sempre precária⁽¹⁵⁾?

De um modo analítico e informado, este livro de Sebastian Conrad responde a muitas destas questões. Autor comprometido com os esforços de revitalização historiográfica que os proponentes de uma história global têm protagonizado, Conrad não deixa de escrutinar, com olhar crítico e heterodoxo, as suas motivações, fundamentos, resultados e até riscos de instrumentalização política, sociocultural e económica. Não estamos perante um testemunho panegírico carente de autorreflexividade crítica, mas de uma contribuição fundamental para compreender uma das mais interessantes propostas historiográficas no campo da história nos últimos anos, com impacto no vasto campo das ciências sociais⁽¹⁶⁾. Da ênfase emprestada a conexões transnacionais e translocais àquela dada a dinâmicas de integração global, a heterogeneidade de contribuições no interior da história global é reconhecida. Se a história global tem, como Jano, uma dupla face – talvez

intitulado "A Cultural History of Global Transformation" (pp. 413–659). Sobre a revolução francesa, veja-se Suzanne Desan, Lynn Hunt e William Max Nelson, orgs., *The French Revolution in Global Perspective* (Ithaca, Nova Iorque: Cornell University Press, 2013). Sobre a «grande divergência», veja-se Kenneth Pomeranz, *A Grande Divergência. A China, a Europa e a formação da economia mundial moderna* (Lisboa: Edições 70, «História & Sociedade», 2013) e a respetiva introdução de Diogo Ramada Curto, Nuno Domingos e Miguel Bandeira Jerónimo, «A Europa e a China: comparações, historiografia e ciências sociais», pp. 1–30.

⁽¹⁴⁾ Dipesh Chakrabarty, *Provincializing Europe: postcolonial thought and historical difference* (Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2000).

⁽¹⁵⁾ Lynn Hunt, *Writing history in the global era* (Nova Iorque: W.W. Norton, 2014).

⁽¹⁶⁾ Alain Caillé e Stéphane Dufoix, orgs., *Le tournant global des sciences sociales* (Paris, La Découverte, 2013); Diogo Ramada Curto, org., *Estudos sobre a globalização* (Lisboa: Edições 70, «História & Sociedade», 2016).

poliédrica seja uma categorização mais justa –, sendo uma metodologia e um tópico de estudo mas também um processo e uma perspectiva, os que a perfilham ou usam têm valorizado diferentes perspectivas⁽¹⁷⁾.

Conrad deixa ainda claro que as «perspetivas» e os programas da história global – com a sua «dimensão polémica» – não pretendem substituir a centralidade da «história nacional», mas sim questioná-la. Pretendem vigiar os seus excessos, corrigir as suas distorções, denunciar até os seus usos socio-políticos, apontando para a importância de «conexões e condições estruturais globais», nomeadamente na sua intersecção com «manifestações locais». Recorrendo ao trabalho de Christopher Hill, a própria afirmação galopante do paradigma da «história nacional» tem de ser compreendida num contexto comparativo e atendendo a dinâmicas e «estruturas globais», a começar pelo «moderno sistema-mundo de nações». Do mesmo modo, as dinâmicas transnacionais são fundamentais para compreender a criação de «identidades nacionais». É que o nacionalismo é, também, um produto do global e do transnacional⁽¹⁸⁾.

A tese de que a história global rejeita escalas de experiência histórica mais restritas – os vários «locais», do lugarejo e da aldeia, à «nação» ou mesmo à «região» – não é sustentável. Pelo contrário, a história global permite questionar a «compartimentalização da realidade histórica», concorrendo num mercado de «abordagens em competição» (capítulo III), combatendo as várias formas de nacionalismo metodológico, difusionismo, excecionalíssimo, nativismo, essencialismo (cultural ou historiográfico) e «internalismo»⁽¹⁹⁾. Ora, estes

⁽¹⁷⁾ Conrad, p. 22.

⁽¹⁸⁾ Conrad sobre Hill, pp. 185-187. Christopher Hill, *National History and the World of Nations: Capital, State, and the Rhetoric of History in Japan, France, and the United States* (Durham: Duke University Press, 2008); Anne-Marie Thiesse, *A criação das identidades nacionais* (Lisboa: Temas & Debates, 2000); C. A. Bayly, *The Birth of the Modern World, op. cit.*, pp. 69 ss.

⁽¹⁹⁾ Conrad, p. 23 e p. 61.

desígnios foram e são fulcrais, urgentes, face às circunstâncias em que vivemos. No último capítulo, Conrad aborda a *política* da história global, assinalando os inúmeros problemas que comporta, sem deixar de apontar para os benefícios que dela se retiram para uma melhor prática do ofício do historiador e um exercício cívico deontologicamente governado.

Um debate contínuo

Muitas destas questões continuam a animar os debates sobre os fundamentos, a substância, os usos e abusos da «história global». Após a edição inglesa do livro de Conrad, muitas obras sobre o tema prolongaram a discussão sobre o estatuto da história global⁽²⁰⁾. E as revistas do campo foram agitadas por algumas disputas. A mais importante resultou de um texto de Jeremy Adelman, “What is global history now?”, publicado em Março de 2017, no qual Adelman questionava os êxitos da história global. Por um lado, as «altas esperanças por narrativas cosmopolitas» sobre encontros entre os ocidentais e o resto do mundo conduziu, segundo ele, a «trocas unidirecionais sobre a formação do global». E acrescentou: «é difícil não concluir que a história global é mais uma invenção *angloesférica* para integrar o Outro numa narrativa cosmopolita nos nossos termos, nas nossas línguas. Tal como sucede com a mais ampla economia mundial». Por outro lado, com igual acidez, escreveu que a «história global se assemelhava a uma história adequada à agora defunta Clinton Global Initiative», ou seja, «uma iniciativa brilhante e de alto perfil», promovendo narrativas «sem fronteiras» e «benfazejas» sobre uma condição comum, cosmopolita, uma «história global para dar uma face humana à globalização», que valoriza «a mobilidade sobre o lugar» e sobre os que «ficaram para trás». Narrativas sobre a «desintegração» e os «custos» gerados pela condição global

⁽²⁰⁾ Ver a nota 6.

estavam em falta. Os «tribalismos» em expansão assim o exigiam⁽²¹⁾.

Anos antes, um outro professor de Princeton apontara para uma conclusão semelhante: a história global não cumprira os preceitos do editorial de um dos seus principais órgãos, o *Journal of Global History*⁽²²⁾. Por ocasião do volume editado por Emily S. Rosenberg, *A World Connecting: 1870–1945*, que recenseou para a *New Republic*, David Bell apontava para as limitações de um projeto historiográfico que valorizava o papel estruturador de «redes e conexões globais», incapaz de dar conta da totalidade das existentes. Mas, para Bell, o livro centrava-se mais em meios de comunicação do que em ideias, mais em fluxos de bens do que nos seus usos por indivíduos e comunidades. E a guerra, a «mais direta forma de “conexão global”», promotora de disrupções nas «redes» associadas, estava ausente, da batalha de Estalinegrado à de Somme. Não era esta a única ausência. Churchill não era referido no livro (aspeto, notemos, pouco relevante, até em razão da abundância de usos e abusos na interpretação da sua importância histórica). A partir deste ponto, Bell questionava a capacidade da história global em lidar com indivíduos concretos e as suas opções. Na ânsia de estabelecer conexões perdera a capacidade em discernir a volição e a circunstância. O exemplo de Linda Colley não era suficiente para Bell. Era tempo de voltar aos «pequenos lugares», às «mudanças rápidas e incrivelmente intensas que nestes ocorrem», às decisões e ao seu contexto em momentos estritos⁽²³⁾.

⁽²¹⁾ Jeremy Adelman, “What is global history now?”, *Aeon* (2-3-2017). Veja-se: <https://aeon.co/essays/is-global-history-still-possible-or-has-it-had-its-moment> (Acedido a 25 de Outubro 2019). Itálico nosso.

⁽²²⁾ David Bell, “This is what happens when historians overuse the idea of the network”, *New Republic* (26-10-2013). Veja-se: <https://newrepublic.com/article/114709/world-connecting-reviewed-historians-overuse-network-metaphor> (Acedido a 25 de Outubro 2019).

⁽²³⁾ Emily S. Rosenberg, org., *A World Connecting: 1870–1945* (Cambridge, MA: Cambridge University Press, 2012). Trata-se de um dos volumes de Akira Iriye e Jurgen Osterhammel, eds, *A History of the*

Mais recentemente, precisamente no *Journal of Global History*, Richard Drayton e David Motadel responderam tanto a Adelman como a Bell. A “história global está sob ataque”, declararam. Rebatendo cada um dos argumentos lançados pelos colegas de Princeton, Drayton e Motadel recuperaram vários dos argumentos lançados por Sebastian Conrad neste livro, acrescentando pontos importantes, ao mesmo tempo que ofereceram uma «breve história» da história global. O campo é mapeado e as notas de rodapé são férteis em trabalhos significativos, alguns nem sempre reconhecidos como importantes para a constituição do rico património que o caracteriza. Por exemplo, acentuam a importância da história global no aprimoramento do dinâmico jogo de escalas (recusando, de caminho, a negligência ou desvalorização do nível nacional), no resgate da voz dos subalternos e dos marginalizados e na resistência aos «populismos nacionais». O facto de a história global recente ter nascido, na sua opinião, tanto do processo de descolonização global como da «história vinda de baixo» constituía razão suficiente para apaziguar as críticas. Ao longo das suas páginas, Drayton e Motadel esvaziaram muitas das críticas recorrentes, com exemplos concretos de obras filiadas no campo que, em toda a sua diversidade, impedem generalizações que Adelman e Bell (e muitos outros, muito menos informados) advogam⁽²⁴⁾. É seguro que as disputas continuarão. Esperemos que possam ser mais bem informadas, como sucedeu com este livro de Sebastian Conrad.

World. Linda Colley, *The Ordeal of Elizabeth Marsh: A Woman in World History* (Nova Iorque: Pantheon, 2007).

⁽²⁴⁾ Richard Drayton e David Motadel, “Discussion: the futures of global history”, *Journal of Global History*, vol. 13 (2018), pp. 1–21.